

Plutarco entre mundos

visões de Esparta, Atenas e Roma

**Pilar Gómez Cardó, Delfim F. Leão,
Maria Aparecida de Oliveira Silva
(coords.)**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

POR TRÁS DE UM GRANDE HOMEM HÁ SEMPRE UMA GRANDE
MULHER?
A INFLUÊNCIA DE ESPOSAS E AMANTES SOBRE HOMENS DE
ESTADO
(Is there always a great man behind a great woman? The influence of wives and
lovers over statesmen)

ANA FERREIRA (anaguedesferreira@gmail.com)
Universidade do Porto/CECH

RESUMO – Que o estatuto sociopolítico da mulher na antiguidade greco-latina é comumente descrito como inferior ao do homem é algo que a leitura das *Vitae* de Plutarco atesta, pois nenhuma delas tem como protagonista figuras femininas. No entanto, ainda que o conceito de igualdade de género fosse alheio à mundividência greco-romana, podemos considerar que, como aconteceu ao longo dos séculos até que as mulheres alcançassem esta pretensa igualdade, algumas delas tiveram um papel fundamental na condução dos acontecimentos políticos e sociais das suas comunidades. Neste trabalho, teremos em conta não só aquelas que, para utilizar um vocábulo muito na moda nos nossos dias, tiveram um papel proactivo, agindo por trás dos seus homens, mas também aquelas que, não tendo perfil psicológico para intervir directamente, foram utilizadas como arma de ataque pelos adversários dos maridos, na Grécia ou em Roma.

PALAVRAS CHAVE – Plutarco, mulher, virtude, capacidade, poder, influência

ABSTRACT – That the sociopolitical status of women in Greco-Latin antiquity is commonly described as inferior to man is something confirmed by the reading of Plutarch's *Vitae*, because none of them has a female figure as its protagonist. However, although the concept of gender equality was oblivious to the Greco-Roman world view, we can consider that, as it happened over the centuries until women reached this alleged equality, some of them played a key role in political and social events of their communities. In this paper, we will consider not only those who had a proactive role, acting behind their men, but also those who, having no psychological profile to intervene directly, were used as weapons of attack by opponents of their respective husbands, in either Greece or Rome.

KEY WORDS – Plutarch, woman, virtue, ability, power, influence

Na *Vida de Péricles*, Plutarco contrapõe a figura tradicional da mulher ateniense – através da alusão à primeira esposa de Péricles (*Per.* 24) – à nova geração de mulheres oriundas de famílias ricas, habituadas a viver no luxo (*Per.* 36.2) – representada pela nora do estadista, esposa do seu filho Xantipo – e à mulher que rompe com os cânones da respeitabilidade feminina, ilustrada por Elpinice (*Per.* 10. 5-6, 28. 5) e pela famosa Aspásia (*Per.* 24-25).

Esta presença tão breve mas ao mesmo tempo tão eloquente e variada de figuras femininas que, à excepção de Elpinice¹, pertencem à família do estadista (na qual têm o estatuto de esposa ou companheira), constitui o móbil para o estudo que ocupará as próximas páginas. Não é intuito deste trabalho discorrer sobre a condição da mulher, que, de resto, tem sido bastante estudada ao longo do último século. Pretende-se tão-só recordar alguns tópicos fundamentais, partindo da informação veiculada pelo biógrafo. Nelas, depois de uma muito sucinta referência à condição feminina na Antiguidade² e à concepção de Plutarco sobre esta matéria, procurar-se-á reflectir no aproveitamento que o biógrafo faz do ascendente do chamado “sexo fraco” na acção do “sexo forte”, particularmente aquele que é exercido por esposas e amantes sobre a conduta de estadistas proeminentes, dando especial relevo aos que viveram em Atenas, Roma e Esparta.

Com efeito, não obstante a sociedade greco-romana ser eminentemente patriarcal, a influência do elemento feminino sobre o masculino é, como testemunham os Poemas Homéricos, antiquíssima: quando chega à ilha dos Feaces, é a Arete e não a Alcínoo que Ulisses, a conselho da princesa Nausícaa, se apresenta como suplicante, comportamento que revela a proeminência da figura da rainha (*Od.* 6.303-315, 7.144-166).

O mesmo exemplo, além de revelador do ascendente das esposas sobre os maridos, sugere que esta realidade é perfeitamente reconhecida e aceite pelos demais membros da família e indicia que a influência feminina não se limita àquela que é exercida no contexto do matrimónio, no seio do casal. Nausícaa, a filha, ainda que de forma indirecta e muito discreta, sabe como levar o rei, seu pai, a fazer aquilo que ela própria deseja, mesmo que para isso tenha de recorrer a terceiros. A influência feminina é, portanto, transversal às diferentes relações de índole familiar. As irmãs, as filhas e as mães em particular possuíram *ab aeterno* um forte ascendente sobre os machos das suas famílias³, por mais que, regra geral, Gregos, Romanos e a generalidade dos pensadores tenham, durante séculos,

¹ Ainda que não estivesse ligada a Péricles pelos laços da consanguinidade, o motivo da sua participação na biografia deste ateniense decorre exactamente do facto de Elpinice, cuja impudicícia se tornou proverbial, colocar o bem-estar dos seus familiares em primeiro lugar, pois estava invariavelmente pronta a acudir a Címon nos momentos mais difíceis da vida política dele. Cf. *Cim.* 4.6-10.

² Sobre o estatuto da mulher na Antiguidade Clássica, consulte-se, por exemplo, Pomeroy (1999³), que, entre outros temas, aborda as diferentes perspectivas dos estudiosos desta matéria. Do mesmo modo, apesar de parecerem incontornáveis no tratamento desta temática, as figuras de Aspásia e Elpinice não serão objecto de atenção pormenorizada. Para mais informações sobre ambas, consulte-se Henry (1995), e, sobre Elpinice, o texto de V. Ramón e G. González, presente neste volume.

³ Recordemos, por exemplo, Artaxerxes, cuja biografia de Plutarco mostra que teve a vida controlada pela mulher e pela mãe (*Art.* 2.1, 5.5-6, 14.9, 17.1, 18.5, 39. -13). A influência das mães sobre os filhos é notória em *Alex.* 27.8; *Caes.* 9.3; *Cleom.* 6.1, 22.4, 25.5; *CG* 4.4; *Cor.* 4.5, 4.7, 34-36, 43.5; *Sert.* 21, 22.9.

descrito a mulher como ser inferior, conforme se pode verificar, recordando a título ilustrativo, estas palavras de Platão (R. 455c-d):

Conheces alguma profissão humana em que o género masculino não seja superior, em todos os aspectos, ao feminino? Não percamos o nosso tempo a falar de tecelagem e da confecção de bolos e guisados, trabalhos em que as mulheres parecem ter algum talento e em que seria totalmente ridículo que fossem batidas⁴.

Embora o excerto supra-citado ponha a nu a crença na inferioridade das mulheres no âmbito do exercício das actividades profissionais (apesar de lhes ser reconhecido algum mérito na execução das lides domésticas), esse era apenas um dos campos em que as senhoras eram consideradas pouco dotadas. No contexto da Roma Antiga, por exemplo, as *mulieres* não tinham perante a lei o mesmo estatuto que os homens, algo que os juristas justificavam com a ignorância do direito por parte destas e sobretudo com a sua inferioridade natural, que decorre da fraqueza congénita (*infirmitas sexus*) e da limitação das capacidades intelectuais (*infirmitas animi*), consideradas próprias deste sexo⁵.

Conquanto Plutarco não tenha consagrado exclusivamente nenhum texto à condição feminina nem redigido biografias de mulheres, é possível delinear aquela que seria a sua visão a esse propósito a partir não só de algumas considerações que tece em diversas *Vitae* mas principalmente a partir de opúsculos dos *Moralia*, como a *Consolatio ad uxorem suam*, as *Mulierum Virtutes* (sobre os feitos nobres de mulheres), a *Amatoriae Narrationes* (sobre a paixão amorosa e suas consequências), o *Amatorius* (sobre o amor conjugal por oposição às relações pederásticas) e os *Praecepta Coniugalia* (sobre a conduta adequada dos cônjuges para uma vida harmoniosa).

Segundo o polígrafo de Queroneia, a mulher deve possuir um conjunto de virtudes⁶, que, mais do que jóias e roupas caras, constituem o seu verdadeiro adorno, dentre as quais se destacam a prudência (*Cons. ad ux.* 609A), a simplicidade (*Cons. ad ux.* 609A, 609D), a modéstia no aspecto e no modo de vida (*Cons. ad ux.* 609C), a moderação⁷, a dignidade e o recato (*Coniug. praec* 141E). Estas características são fundamentais para que ela possa cumprir a sua principal missão na sociedade, que, *grosso modo*, se resume a assegurar a geração e a educação dos

⁴ Tradução de Rocha Pereira (2001).

⁵ Solazzi (1960: 357-377).

⁶ Nas *Vitae*, o biógrafo dá por diversas vezes exemplos concretos de mulheres virtuosas e das respectivas qualidades. Sobre as virtudes da boa esposa, *vd. Aem.* 5.2; *Cat. Ma.* 20.2; *Cat. Mi.* 52.5; *Cleom.* 1.3; *TG* 1.6; *Pomp.* 55; *Alex.* 21.9; sobre as da boa mãe: *Cat. Mi.* 3.1; sobre a ausência dessas virtudes: *Cleom.* 1.2; *Cic.* 20.1; 29. 4; *Luc.* 1.1, 6.2, 34.1, 38.1; *Crass.* 1.3.

⁷ Estas características das mulheres também faziam parte da mundividência latina, como refere Tito Lívio (34.2-4), ao recordar elogio que Catão o Antigo tece à sabedoria das mulheres, que consiste na reserva e na moderação.

futuros cidadãos (herdeiros legítimos) assim como a felicidade e o bem-estar do marido, o que passa também pela boa gestão do lar e pela boa execução das tarefas domésticas.

Em Roma, o cumprimento exemplar das funções de protectora dos interesses masculinos e o exercício de uma série de virtudes, que fizeram delas o baluarte dos «valores morais e políticos da sociedade»⁸, valeu às matronas prestígio, dignidade e respeito desde os primórdios⁹.

Como é sabido, uma tal perspectiva da missão feminina perdurou durante muitos séculos e era ainda actual, no *settecento*, para Rosseau¹⁰, que a sintetiza assim:

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, educá-los quando jovens, cuidar deles quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e doce, eis os deveres das mulheres em todos os tempos.

Pese embora a aparente misoginia que decorre do que se acaba de referir a propósito de Plutarco, a verdade é que o Queronense tem as mulheres em muito boa conta para aquilo que era mais usual no seu tempo. Ele não considera que a missão delas seja a anteriormente descrita por falta de capacidade para mais. O autor dos *Moralia* entende que, no seio do matrimónio (ou seja, na sociedade), homem e mulher têm funções bem definidas, que se complementam com o intuito de que todos os membros da família vivam em harmonia. Por conseguinte, sendo a família a unidade mínima fundamental para o bom funcionamento do Estado, este funcionará tanto melhor quanto mais reflectir a vivência de famílias felizes, nas quais cada um cumpre as suas obrigações como convém. Portanto, é através do casamento, no recolhimento do lar¹¹, que a mulher pode e deve potenciar as suas virtudes – justiça (δικαιοσύνη), lealdade (πίστις), prudência (σωφροσύνη) e inteligência (σύνεσις) –, tantas vezes reveladas ao longo da história (como o biógrafo reconhece), e assim ter um papel activo na sociedade.

⁸ Fialho, Dias & Silva (2001: 10).

⁹ Esse reconhecimento constitui com grande probabilidade uma das justificações para a maior liberdade de acção que as mulheres têm na Roma Antiga e remonta aos tempos da fundação de Roma. Nessa altura, em jeito de compensação pela violência a que haviam sido sujeitas, as mulheres sabinas passaram a ser tratadas com respeito, amor e correcção (*Comp. Num. -Lyc.*).

¹⁰ *Emílio*, livro V, *apud* Duby & Perrot (1993: 9).

¹¹ Como muito bem sintetiza Dias (2007: 553-554): «enquadradas no casamento e por este elevadas ao estatuto de esposas legítimas e mães de cidadãos, estas filhas de cidadãos participam na ordenação e estabilidade do lar pelo lugar físico e função biológica que ocupam, mas também pelo seu agir na condição estrita do papel que lhes cabe. Por isso, quando o lar é perturbado, elas são capazes de gestos heróicos para repor a representação macrocósmica do seu espaço de actuação, ou seja, para estabelecer a ordem na pólis». São exemplos destas situações extremas em que a mulher, mostrando todas as suas capacidades e força, é obrigada a intervir publicamente, em substituição dos homens (que ou estão ausentes ou se revelam incapazes) que o opúsculo *Mulierum virtutes* reúne.

Ao contrário do que era mais habitual naquela época, Plutarco acredita nas capacidades intelectuais das mulheres e defende que devem ser cultivadas no seio do casamento (*Coniug. praec.* 145B-146A), algo de que, aliás, ele e a sua consorte parecem ter sido paradigma, se tivermos em conta o texto *Consolatio ad uxorem*, que o biógrafo lhe dedica por ocasião da morte da filha de ambos. Com efeito, a referência e o elogio que nele se fazem das contidas manifestações de dor de Timóxena soam próprias de quem está familiarizado com a filosofia, nomeadamente com o Estoicismo.

Terão, de resto, sido as capacidades intelectuais de Aspásia (*Per.* 24. 5) – de entre as quais se destacam os seus dotes enquanto oradora – e o uso livre que delas fazia – a despertar o interesse de Péricles¹². O facto de esta relação ter ocorrido no século V a. C. é revelador da singularidade deste estadista que se mostrou, em muitos outros aspectos, demasiado avançado para o seu tempo. Com efeito, num período em que a excelência das mulheres se media pelo comportamento discreto e pela submissão ao marido, ele assume a sua relação com uma senhora que, segundo testemunhos vários, até ousava imiscuir-se nas decisões políticas daquele que foi um dos maiores estadistas de sempre, tendo, ao que parece, condicionado a forma como Péricles geriu a crise com Esparta¹³. A crença de Plutarco na inteligência das mulheres (bem como a origem estrangeira de Aspásia, que lhe dava espaço de manobra para não ter de viver segundo os cânones atenienses) permite compreender por que razão o polígrafo não tece na *Vida de Péricles* juízos de valor menos favoráveis ao relacionamento do casal olímpico¹⁴.

Cornélia é outro exemplo de mulher instruída. Em *Pomp.* 55. 2-3, Plutarco conta que ela tinha conhecimentos de literatura, música, geometria e filosofia, sem a petulância e vaidade que normalmente caracterizavam a maioria das jovens cultas. Por isso, é muito provável que a sua vasta cultura tenha sido o argumento que mais contribuiu para que Pompeu se perdesse de amores por ela. Apesar de próximo de Péricles por apreciar mulheres pensantes, o estrategista romano tinha um comportamento diametralmente oposto ao do grego, pois descurava as suas responsabilidades de estadista para estar com a amada (comportamento que, como se verá abaixo, já ocorrera no âmbito de relações anteriores e merecia a crítica dos contemporâneos e do próprio moralista).

¹² Até as mulheres reconhecem que a capacidade de manter uma boa conversa funciona como arma de sedução. Plutarco sugere-o, quando, em *Coniug. praec.* 141B-C, recorda um episódio que envolve Filipe da Macedónia e a esposa, Olímpia: como o marido se tivesse interessado por uma mulher da Tessália, acusada de usar feitiços contra ele, a mãe de Alexandre resolve confrontar a rival. Contudo, ao vê-la, é a própria Olímpia a admitir que a concubina era a encarnação dos referidos feitiços, pois, além de bela, sabia exprimir-se de modo agradável e elevado.

¹³ Cf. *infra* nota 29.

¹⁴ O uso deste adjectivo em relação ao casal decorre do facto de, na tragédia, Péricles ter recebido muitas vezes a alcunha de Zeus e Aspásia a de Hera; cf. *Per. passim*. Sobre o epíteto de Péricles, *vd.* Ferreira (2012: 212 sqq.).

Ora, o Queroneu, que, na sua obra, menciona indivíduos cujas vidas decorreram entre os tempos míticos e o império romano, denota ter plena noção de que a sua deferência pelas mulheres era, no mínimo, pouco comum, pouco tradicional¹⁵, pois estava ciente de que o estatuto feminino variava em função das regiões habitadas e até dos períodos históricos¹⁶, algo que resulta evidente, por exemplo, de *Lyc.* 14.

Neste passo, a educação das crianças espartanas é descrita como distinta da das atenienses¹⁷, pois as meninas não se limitavam a aprender a executar as tarefas domésticas. À semelhança dos rapazes, elas praticavam exercício físico para assim adquirirem um corpo mais robusto, que facilitasse a geração dos filhos. O mesmo passo justifica, de algum modo, a condição privilegiada das mulheres em Esparta: face à constante ausência por causa da guerra,

os homens viam-se obrigados a deixá-las senhoras de suas casas, honrando-as e acariciando-as além da medida¹⁸.

Ora, essa ausência dos «senhores» não foi isenta de sequelas. Além de lhes valer a consideração especial que os maridos lhes dedicariam, sem terem quem pensasse e agisse por elas, as mulheres espartanas tiveram de se tornar capazes de falar, pensar e intervir por si mesmas, algo que seria pouco frequente. Plutarco, em *Coniugalia Praecepta* 142C-D, sugere isso mesmo, ao afirmar que convém que, tal como o braço, o discurso da mulher prudente também não seja público. Mais do que uma manifestação de misoginia pela negação da eloquência feminina, é a importância do recato enquanto virtude que assim se demonstra.

Essa consciência do poder que as mulheres tinham sobre os maridos em Esparta perpassa igualmente a biografia consagrada a Ágis¹⁹, na qual o biógrafo menciona que os espartanos ouviam sempre as suas esposas e que elas tinham consciência disso (*Agis* 7.4). E não era um poder que se limitasse ao governo do lar, pois também se manifestava nos assuntos públicos, em relação aos quais opinavam livremente (*Comp. Lyc. -Num.* 3.2.).

Os estrangeiros de ambos os sexos tinham, obviamente, a noção de que as mulheres espartanas gozavam de um estatuto diferente das demais mulheres

¹⁵ Nos *Coniugalia Praecepta*, eg. *Moralia* 142E, o autor sente necessidade de aconselhar os maridos a tratar as mulheres com carinho.

¹⁶ Nas biografias dos altos dirigentes do período helenístico, por exemplo, evoca a intervenção de rainhas que só raras vezes é subtil.

¹⁷ Para mais informações sobre este assunto, veja-se Silva (2005: 11-21).

¹⁸ As traduções apresentadas da *Vida de Licurgo* são da autoria de Aristides da Silveira Lobo.

¹⁹ O poder das mulheres espartanas (assente na riqueza e na influência que dela resulta) e a sua capacidade de determinar a política da cidade surgem amplamente ilustrado em *Agis* 6.7, 7, 7.5, 9.6. Estes passos não serão, contudo, explorados neste trabalho, porque as mulheres neles referidas não o são enquanto esposas.

helenas. Disso dá testemunho o próprio Queroneu, que recorda uma situação protagonizada pela rainha Gorgo, esposa de Leónidas (*Lyc.* 14)²⁰:

Tendo uma dama estrangeira, em conversa com ela, dito que «não há mulheres no mundo como as Lacedemónias, que mandam nos seus homens», replicou incontinentemente: «Também não há outras como nós, que temos homens.»

Quando confrontada com a percepção de que as espartanas seriam superiores aos seus maridos por terem sobre eles um predomínio fora do vulgar, a rainha justifica essa superioridade com a também superior virtude do homem espartano. A resposta de Gorgo resulta, deste modo, no elogio da figura masculina que, aos olhos da estrangeira, aparecia diminuída.

O excerto parece, pois, validar, por si só, o título deste trabalho, visto que indicia a consciência da complementaridade dos papéis do homem e da mulher na família, logo, na vida em sociedade. Com efeito, a reacção da rainha sugere que as mulheres espartanas estariam conscientes de que a virtude do homem é sustentada e amplificada pela acção do elemento feminino e vice-versa. Fica implícita a ideia de que a força (*virtus*) de um alenta o outro e de que toda a comunidade beneficia dessa complementaridade mútua. É, por isso, possível considerar que, mais do que resultado do gosto de Plutarco pelas *chreiai*, a inclusão desta singela anedota terá sido uma forma de apresentar tacitamente um testemunho legitimador da sua ideia de união conjugal, na qual a mulher não é nem superior nem inferior ao homem mas sua igual, sua companheira.

Quando se fala na influência das mulheres sobre os maridos é impossível não começar por abordar o tópico do casamento por conveniência²¹. Com efeito, nas sociedades de matriz greco-latina, o matrimónio por amor é uma realidade bastante recente. As mulheres costumavam ser escolhidas ou dadas em casamento com o intuito principal de celebrar alianças políticas e económicas que os respectivos tutores (pais, antes, e maridos, depois do casamento) consideravam importantes para o seu sucesso pessoal. Plutarco dá imensos exemplos dessa situação, chamando algumas vezes a atenção para o facto de os esposos acabarem por desenvolver afeição mútua (*Coniug. praec.* 140D-E). Podemos considerar como protótipo (inclusive mítico) de tais uniões a que juntou romanos e sabinas (*Rom.* 14), na sequência do rapto destas.

Num contexto de particular violência, as mulheres acabam por se afeiçoar aos raptos, que entretanto se haviam tornado pais dos seus filhos, e promovem a reconciliação entre progenitores e maridos, o que dá origem à partilha do poder

²⁰ *Apophth. Lac.* 227E-F, 240E.

²¹ Esta prática, e principalmente o seu abuso, foram criticados por Catão de Útica (*Caes.* 14.8), que considera inaceitável a prostituição da autoridade política com recurso a casamentos e que as mulheres sirvam para distribuir províncias, exércitos e poderes entre compadres.

político entre os dois povos. Esta lenda funciona, portanto, como uma espécie de justificação e mesmo de paradigma: se num contexto de tamanha violência as mulheres foram capazes de pacificar as partes e de contribuir para o bem-estar da cidade, num contexto de aliança pacífica, as mulheres devem aceitar com tranquilidade as uniões que lhes são propostas e contribuir para a boa relação das famílias que, por seu intermédio, se encontram associadas. O rapto das Sabinas acaba por sugerir também que, apesar de não terem um papel politicamente activo, as mulheres podem fazer muito pelo seu povo a partir do ambiente em que estão confinadas, como já foi mencionado em páginas anteriores.

Não deixa de ser inesperado que, de entre as muitas referências que Plutarco faz a este tipo de casamento, a maioria ocorra em vidas romanas, ainda que nem sempre sobre figuras com essa origem. Nas vidas de indivíduos com outras nacionalidades, curiosamente, há apenas uma alusão a siracusanos (*Dio* 21.1-6), uma a espartanos (*Cleom.* 1) e meia dúzia a macedónios (*Pyr.* 9.1; *Eum.* 11.3; *Alex.* 10.1, 29.7, 46.3 e 70.3) mas nenhuma directamente relacionada com atenienses.

Dos casamentos romanos por conveniência a que o Queroneu alude²², há dois que merecem a nossa reflexão e que estão associados a um mesmo indivíduo, Pompeu, que de acordo com Plutarco, se vê, por duas vezes, forçado²³ a casar com jovens da família de políticos proeminentes que procuravam tirar partido de tais alianças.

O primeiro casamento que Pompeu tem de contrair nestes moldes une-o a Emília (que já era casada e até estava grávida do marido), filha de Metela, e é consequência não só da admiração que Sila nutria pelo noivo mas sobretudo da esperança que o padrasto da infeliz jovem tinha de que aquele lhe viesse a ser útil (*Pomp.* 9.1).

O segundo é maquinado por César, que, com o intuito de lhe controlar o poder (*Pomp.* 70.7), faz com que Pompeu aceite, em quartas²⁴ núpcias, a própria filha, Júlia, que já havia sido prometida a Servílio Cépio. Este, em jeito de recompensa, acaba por receber, por indicação do mesmo César, a mão da filha de Pompeu, que, por sua vez, já estava prometida ao filho de Sila.

Se, tanto quanto se sabe a partir da leitura da obra do Queroneu, a decisão de Sila apenas merece a censura do polígrafo, que a classifica como acto de um tirano (*Pomp.* 9.3), a de César foi alvo de uma veemente reprovação por parte de Catão (*Caes.* 14.8).

Não obstante todas as críticas que a estratégia de César possa merecer, a verdade é que apesar de tal união não ter logrado os objectivos do conquistador da Gália (*Pomp.* 70.7), acabou por se tornar reveladora da influência que as mulheres

²² *Vd. eg. Cat. Mi.* 25.2 e 30.2; *Cam.* 33.3.

²³ No que ao primeiro casamento forçado respeita, o biógrafo diz-nos que era contrário aos valores de Pompeu, que teve de se separar da mulher Antístia (*Pomp.* 9.2-3).

²⁴ Casa-se, em terceiras núpcias, com Múcia Tércia, de quem se divorciou por adultério.

podem exercer sobre determinados homens. Com efeito, Plutarco dá conta de que Pompeu se apaixonou perdidamente pela mulher, a ponto de descuidar as suas obrigações políticas e militares. Tal comportamento diverge diametralmente do do pouco sociável Péricles que, tendo repudiado a esposa para ficar com a mulher que amava com especial ternura e que beijava sempre que ia para a ágora ou dela regressava (*Per.* 24.8), jamais deixou de cumprir os seus compromissos (ainda que seja acusado de ter iniciado uma guerra por causa de Aspásia). Ou do de Bruto, que apesar do sofrimento que a notícia (falsa) da morte da mulher, Pórcia, lhe causara, não descuidou os interesses da *respublica* no momento chave da conjura contra César (*Brut.* 15.9). Para Plutarco, o político de excelência tem de ter essa capacidade de fazer dos interesses do Estado a sua principal prioridade, mesmo que para isso tenha de relegar a vida pessoal e familiar para segundo plano, pelo que, por estas e outras atitudes, Péricles e Bruto constituem, para o biógrafo, paradigma desta característica.

Pompeu, ao contrário daqueles, passava os dias a passear com a esposa, o que lhe valeu o desprezo de Clódio, tribuno do povo à época (*Pomp.* 48.8), e uma forte impopularidade por ocasião do segundo consulado, pois confiou exércitos e províncias aos legados que eram seus amigos para ficar por Itália a usufruir da companhia da mulher (*Pomp.* 53.1; *Cras.* 16.1).

Vários outros heróis houve que viram a sua acção política condicionada pela relação excessiva que mantinham com mulheres. De um modo geral, a influência parece ser negativa sempre que essas mulheres não têm o estatuto de «esposa legítima» (excepção feita à relação entre Pompeu e Júlia), ou seja, sempre que são meras companheiras de diversão.

O herói mais antigo que se enquadra neste perfil de homem cuja conduta é influenciada pelas relações extraconjugais que mantém é Teseu. O facto de ser mulhengo e de andar sempre a correr atrás de uma nova aventura amorosa trouxe consequências negativas para Atenas: foi por causa da sua longa ausência, motivada pelo rapto de Helena (*Thes.* 31-34) e pela tentativa de rapto de Perséfone (*Thes.* 31, 35), que Menesteu, o primeiro demagogo no sentido depreciativo do termo, conseguiu voltar o povo contra o fundador mítico da pólis²⁵.

No entanto, no caso específico deste herói, também a influência da sua esposa legítima, Fedra, foi nefasta: por lhe ter dado ouvidos, a ela que apenas se queria vingar de Hipólito, que se recusara a manter um relacionamento amoroso com a própria madrastra, Teseu foi injusto com o filho (*Comp. Thes.-Rom.* 3.1):

Quanto ao comportamento de Teseu em relação ao filho, foi induzido a errar por amor, por ciúme e pelas insídias de uma mulher, às quais poucas pessoas conseguem escapar totalmente²⁶.

²⁵ Sobre este assunto *vd.* Ferreira (2012: 106).

²⁶ Tradução de Fialho & Leão (2008).

Não deixa de ser curioso observar que, se no que respeita à sua falha enquanto governante, Teseu é duramente criticado pelo biógrafo por causa do peso das relações amorosas na sua vida, no que concerne aos seus erros enquanto pai, acaba por ser desculpabilizado, não só com o argumento supracitado da influência negativa que as mulheres podem exercer sobre os homens apaixonados, mas também com o pretexto de que ele, do alto da sua velhice, se limitou a proferir palavras duras, afrontas e imprecações²⁷.

Importa, contudo, notar que os exemplos já citados de Pompeu e Teseu se relacionam não com a interferência directa das mulheres mas antes com a falta de moderação, com os excessos, do elemento masculino.

Este tipo de ocorrência pode ser elucidado com o comportamento de outros políticos, quer gregos²⁸ quer romanos, ainda que sem consequências de maior para as suas cidades. Alcibíades, que se envolveu com a rainha espartana Timeia, por capricho, apenas para ter um filho rei (*Alc.* 23.7-9), tornou-se *persona non grata* para Ágis (até então seu amigo) e foi forçado a fugir de Esparta.

César, por causa do relacionamento que mantinha com Servília (irmã de Catão de Útica), viu-se, pelo menos por duas vezes, em situação delicada, ambas referidas na *Vida de Bruto*. Foi por suspeitar ser pai de Bruto (filho de Servília e aliado de Pompeu) que ordenou aos soldados que não o matassem (*Brut.* 5.1) nem capturassem, mesmo que tivessem essa oportunidade; foi por receber bilhetes da amante no Senado que foi acusado por Catão de trocar recados com os inimigos de Roma em pleno exercício das suas funções políticas (*Brut.* 5.4), circunstância que dá origem à situação caricata de o “cunhado” lhe tirar o bilhete da mão mas acabar coibido de avançar com o ataque contra César por se tratar de uma missiva da autoria da própria irmã.

Um militar romano de nome Vínio, por seu turno, não resiste aos atractivos da mulher do seu comandante, Calvíso Sabino, e envolve-se sexualmente com ela em pleno acampamento (*Galba* 12). Por ordem de Calígula, acaba na prisão, de onde só sairia após a morte do imperador.

Se comparado com estes indivíduos, Péricles revela-se, nesta matéria como em tantas outras, uma *avis rara*.

Não obstante os rumores de que manteria encontros ilícitos com várias mulheres, auxiliado pelos seus amigos Fídias e Pírilampes, e até com a própria nora (*Per.* 13.15-16), Plutarco não noticia qualquer interferência dessas pretensas

²⁷ Este era um comportamento normalmente mais associado às mulheres, o que parece sugerir uma outra influência nefasta de uma esposa, já de si pouco virtuosa, sobre um marido incauto. Em *Pel.* 8.8, Plutarco enuncia algumas situações em que as mulheres lançavam pragas.

²⁸ No contexto do período helenístico, Plutarco refere (*Cleom.* 33.1-2) que a relação de Ptolomeu com as mulheres o impediu de se dedicar convenientemente à causa pública, pelo que a amante e a mãe desta acabaram por assumir as rédeas do governo.

relações extraconjugais na acção política do filho de Xantipo²⁹. Bem pelo contrário... O biógrafo parece não dar crédito a tais boatos e mostra-se profundamente incomodado com o recurso que algumas pessoas fazem a esse tipo de instrumento para causar dano aos adversários políticos.

Mas a verdade é que, como a obra de Plutarco atesta, os estadistas têm sido, desde que há memória, atacados por causa das mulheres: seja por não poderem ver um rabo de saia, seja por serem casados com senhoras cuja conduta duvidosa não conseguem controlar. Se, normalmente, não se coíbiam de namoriscar por causa das consequências que daí podiam advir, a verdade é que esses homens eram bastante mais escrupulosos quando o que estava em causa era a reputação das respectivas consortes.

O exemplo mais célebre desta situação é do repúdio de uma esposa pelo seu cônjuge é muito provavelmente o de Pompeia por César, referido não só por Plutarco (*Caes.* 10.8-9, *Cic.* 29.9; *Apophth.* 206B) mas também por Dión Cássio (37.45) e Suetónio (*Jul.* 6 e 74). A sua fama fica a dever-se à frase proferida pelo general sobre o motivo que o levava a deixar a mulher, mais do que ao renome do marido atraído ou ao contexto em que a relação entre Clódio e Pompeia se tornara pública. Durante a celebração dos mistérios da Boa Deusa, organizada pela esposa do conquistador da Gália em 62 a. C., o seu jovem amante aproveita para entrar disfarçado de mulher em casa de César e assim se encontrar com ela. No entanto, antes mesmo de conseguir cumprir tal propósito, é descoberto e acusado de impiedade. César, que entretanto repudiara Pompeia, é chamado a depor contra o réu, mas, para surpresa do acusador, que esperava um ataque veemente do marido traído, de nada o incrimina, alegando que a separação não resultara do reconhecimento da falta da mulher e de Clódio e sim da necessidade de que sobre a sua esposa tão-pouco recaíssem suspeitas. Esta ideia, que Plutarco refere por três vezes em textos diferentes³⁰, acabaria por se tornar proverbial no mundo

²⁹ Aspásia não está incluída neste rol, porque tem, mesmo aos olhos do Queronense, um estatuto especial, de esposa (ainda que não seja feita referência à legalidade da união). De resto, embora, ao apresentar todas as causas possíveis da Guerra do Peloponeso, o polígrafo seja obrigado (por uma questão de rigor) a mencionar a pretensa influência da «Nova Hera», não parece acreditar que um estadista como o perfil de Péricles se deixasse levar por um motivo dessa natureza para dar início a um conflito (*Per.* 30-31). Sobre este assunto, *vd.* Ferreira (2012: 272). A violência excessiva que Sila usou contra os Atenienses também foi justificada como uma espécie de vingança pela forma como aqueles, do alto das muralhas, zombaram de Metela e a insultaram (*Syl.* 6.22).

³⁰ Trata-se, efectivamente, como tantas vezes acontece na obra de Plutarco, de uma citação indirecta, pois, não obstante a ideia veiculada ser a mesma, as palavras utilizadas nos diferentes passos raramente coincidem. Em *Caes.* 10.8-9, podemos ler “Ὅτι” “ἔφη”, “τὴν ἐμὴν ἡξίου μὴδ’ ὑπονοηθῆναι” («porque, respondeu, entendo que a minha mulher sequer devia ser objecto de desconfiança»); em *Cic.* 29.9, “ὅτι τὸν Καίσαρος ἔδει γάμον οὐ πράξεως αἰσχρᾶς μόνον, ἀλλὰ καὶ φήμης καθαρὸν εἶναι” («a mulher de César não devia apenas estar acima de conduta vergonhosa mas também da má fama» – tradução de Várzeas (2012)); e em *Apophth.* 206B “ὅτι τὴν Καίσαρος”, “ἔφη”, “γυναικᾶ καὶ διαβολῆς δεῖ καθαρὰν εἶναι” («respondeu que a mulher de

romanizado para sugerir que todos aqueles que desempenham cargos públicos não se devem deixar associar a quem tem comportamentos indignos e duvidosos, ainda que sejam membros da família. Em português, materializa-se assim:

À mulher de César não basta ser honesta, tem de parecer honesta.

Catão de Útica, conhecido pela sua inflexibilidade e integridade moral, teve, segundo Plutarco, «muita falta de sorte» (ὄλως ἀτύχημα, *Cat. Mi.* 24.4) nesta matéria, pois, apesar de não haver referências a prevaricações da sua parte no que a relações de índole amorosa respeita³¹, foi confrontado, no seio da própria família, com a existência de vários espécimes de mulheres luxuriosas. Como já foi referido, uma das irmãs, Servília, esteve envolvida com César (*Cat. Mi.* 24.2-4); uma outra irmã³², homónima da primeira, foi repudiada pelo marido, Luculo³³, devido à sua impudicícia (*Cat. Mi.* 24.4-5; *Luc.* 38.1). E, como se isso não bastasse, até Atília, primeira esposa de Catão, partilhava dessas tendências, motivo que o levou a optar pelo divórcio.

O facto de César e Catão (ao contrário de Luculo, que foi responsável pelo processo contra Clódio) repudiarem sem alarido de maior as consortes (isto é, sem acusações públicas) põe em evidência a sua nobreza de carácter: apesar de feridos no seu brio pela traição e consequente exposição pública da vida privada, abstiveram-se de exercer sobre as traidoras acções de vingança que seriam, pelo menos, compreensíveis. É um dos casos em que os homens se revelam grandes sem terem por trás uma grande mulher...

O comportamento de ambos revela igualmente – conquanto Plutarco não teça nenhum comentário objectivo a esse propósito – um profundo conhecimento da melhor tradição da teoria política da Antiguidade. Já Platão defendia que os estadistas devem ter vidas imaculadas no que respeita às suas acções e às relações que os uniam a outras pessoas (chegando mesmo a sugerir que só os filhos de pais

César deve também estar livre de suspeita»). Como se verifica, as únicas palavras que se repetem (além da conjunção subordinativa causal ὅτι, do verbo que introduz o discurso directo ἔφη e do infinitivo εἶναι) são as formas καθαρὸν e καθαρὰν, do adjectivo καθαρός, καθαρά, καθαρόν, que, ainda assim, não são totalmente idênticas, pois correspondem a géneros diferentes. Cf. Pelling (1980: 127-140).

³¹ A única objecção apontada à sua conduta é protagonizada por César, que o critica por ter permitido que Márcia se casasse com Hortênsio (*Cat. Mi.* 25.4-13) e, logo após a morte deste, ter voltado a casar com ela (*Cat. Mi.* 52.5-7). Plutarco, contudo, parece defender Catão (*Cat. Mi.* 52.8), o que em parte se justifica com a informação veiculada em *Comp. Lyc.-Num.* 3.2.

³² Ainda que o biógrafo afirme que esta segunda Servília também era irmã de Catão, ela seria sua sobrinha. Cf. Van Ooteghem (1959).

³³ Este nobre estadista romano já havia, por motivo idêntico, repudiado uma esposa, Clódia, que teria cometido incesto com o próprio irmão, Clódio, o mesmo que se terá envolvido com Pompeia, esposa de César (*Caes.* 10.6; *Cic.* 29.4). Cf. etiam *Luc.* 34.1.

de primeira linha devem ser «guardiões», R. 458³⁴). Só assim se evita que os poderes instalados utilizem o conhecimento de situações embaraçosas para impedir o bom governante de concretizar medidas que aqueles consideram incômodas por beneficiarem o povo e o Estado. Deste modo, ao repudiarem as esposas, quer Catão quer César (como o próprio sugere ao alegar que Pompeia não deveria ter sequer dado motivo de suspeita) mostram ser indivíduos previdentes, que evitam munir os demagogos de instrumentos de ataque.

Apesar de, à excepção do último conjunto, os episódios até agora recordados serem pouco favoráveis aos seus protagonistas e não denotarem uma influência activa das mulheres, outros há reveladores do ascendente que estas podem ter sobre os maridos. O mais discreto, mas não menos elucidativo, é de origem grega e ocorre em *Them.* 18. Ainda que em jeito de graça, o ateniense é categórico no reconhecimento do poder das mulheres, conquanto atribua ao filho a proeza³⁵: segundo ele, como a criança fazia o que queria com a mãe e, por meio dela, com o próprio Temístocles, que então era o mais poderoso dos gregos, porque nos gregos mandavam os atenienses³⁶.

Entre os romanos, uma das mulheres que mais se distingue pela influência que exerce sobre a acção do marido é Terência, a primeira esposa de Cícero, que, segundo Plutarco, estava habituada a dominá-lo (*Cic.* 29.4) e

não era particularmente doce por natureza nem tímida³⁷, mas, antes, uma mulher ambiciosa que, como diz o próprio Cícero³⁸, tomava mais parte nas ocupações políticas dele do que o deixava participar nas domésticas (*Cic.* 20.3)³⁹.

Importa abrir um parêntesis para recordar que este comportamento de Terência é, na perspectiva de Plutarco, altamente condenável: em *Coniugalia praecepta* 142E, o biógrafo afirma que, se as mulheres que se submetem aos maridos são elogiadas, aquelas que, pelo contrário, querem governá-los caem na ignomínia, mais do que os homens que por elas são governados. Nesse sentido, podemos acreditar que o Queroneu terá aprovado que Cícero, anos mais tarde, repudiasse a esposa.

Ora, na biografia do *Homo Novus*, são duas as situações que o polígrafo de Queroneia narra para atestar o ascendente de Terência sobre o orador.

³⁴ Ao longo da sua obra, Plutarco também reflecte sobre a importância de uma concepção cuidada para o nascimento de bons homens de Estado. Cf. Ferreira (2012: 152-153).

³⁵ Este comportamento do filho de Temístocles é semelhante ao de Nausícaa, como se viu *supra*, pois também ele se serve da mãe como intermediária para que o pai lhe conceda os desejos.

³⁶ De acordo com Plutarco, as palavras de Temístocles ficaram tão famosas que Catão-o-Antigo dizia algo semelhante em latim (*Cat. Ma.* 7.4)

³⁷ Sobre o temperamento difícil de Terência, *vd. etiam Cic.* 29.4.

³⁸ *Cic., Fam.* 14.2.

³⁹ Tradução de Várzeas (2010).

A primeira surge em *Cic.* 20.1-3 e decorre de um presságio que teve lugar durante um sacrifício em que a própria Terência estava a participar activamente. De acordo com as Vestais, Cícero deveria levar a cabo os planos que tinha em mente para salvar a pátria no âmbito da famosa Conjura de Catilina. Terência, que fora incumbida da missão de transmitir a mensagem ao marido, não se limitou a avisá-lo e instigou-o contra os conspiradores.

A segunda (*Cic.* 29.2-4) é um pouco menos digna e sugere, mais uma vez, que as mulheres podem ser seres perigosos... Efectivamente, Terência não nutria grande simpatia por Clódia, irmã de Clódio, amigo de Cícero, pois acreditava que aquela tinha em curso uma estratégia para se casar com o seu marido. Por isso, com o intuito de atingir a pretensa rival, incitou Cícero a juntar-se ao grupo dos homens nobres que acusavam Clódio de perjúrio, de falta de escrúpulos, de subornar a população e de seduzir mulheres. E o orador cedeu aos desígnios da esposa⁴⁰.

Sila, cuja memória conservada pela tradição nos faz pensar num indivíduo cruel e que apenas dá ouvidos à sua ambição (*Syl.* 2.1-2), também foi um marido profundamente permeável à influência da mulher, Metela, por quem nutria um amor devotado (*Syl.* 6.22). O biógrafo recorda pelo menos duas situações em que a consciência desse ascendente é flagrante.

A primeira é mencionada em *Syl.* 6.22: numa ocasião em que a vontade de Sila era contrária à das massas (que pretendiam o regresso dos partidários banidos de Mário), o povo exigiu a presença de Metela como intermediária, o que deixa bem claro que ela teria condições de interferir na decisão do marido⁴¹.

A segunda é narrada em *Syl.* 22.2: face ao clima de opressão vivido em Roma sob o consulado de Cina e Garbo (85 a. C.), muitos procuram refúgio junto de Sila, que estava em guerra contra Mitridates, incluindo Metela e os filhos que haviam ficado na urbe. Na presença do marido, acaba por lhe suplicar que intervenha em defesa dos amigos que deixara para trás. Metela surge, pois, como alguém que, não podendo ter qualquer outra intervenção mais activa em relação ao caos político-militar em que Roma estava mergulhada, apela à intervenção do marido para salvar quem corria perigo⁴².

Estes exemplos, respeitantes a mulheres gregas ou romanas que se ingerem na acção dos estadistas cujas vidas Plutarco eterniza, reforçam a ideia de que, por mais que se tentasse diminuir o papel e o valor das mulheres, havia a consciência generalizada de que as decisões dos políticos eram condicionáveis pelas opiniões e sentimentos das respectivas consortes, mesmo fora de Esparta, onde, como já se viu, essa influência era assumida.

⁴⁰ A propósito da influência de Aspásia sobre Péricles, *vd. supra* p. 195.

⁴¹ Cf. Corsu (1981: 46).

⁴² Do mesmo modo que a irmã e a esposa de Díon, num tentativa de moderar o comportamento de Dionísio, o haviam instado a pedir a Platão para regressar (*Dio* 18.8).

Tal percepção permite a alguns políticos gregos e romanos vencer o inimigo sem usar a força ou evitar consequências de maior uma vez irritados os adversários, como atestam as acções de Temístocles, Bruto e Luculo, que a seguir se recordam.

Temístocles (*Them.* 31.2), que indispusera o sátrapa da Lídia ao pedir que uma estatueta de Hidrófora fosse devolvida aos atenienses, evita problemas de maior através das concubinas do bárbaro, que suborna para que lhe aplaquem a ira e o impeçam de fazer a denúncia ao Rei.

Luculo (*Luc.* 6.3-4), por seu turno, decidido a conquistar a Cilícia na esperança de se tornar comandante na guerra contra Mitridates, peita Précia, uma jovem famosa e influente pela sua beleza e charme (mas que Plutarco faz questão de comparar a uma cortesã de profissão), conhecida por favorecer os interesses políticos dos seus amigos, para que ela o ajudasse a alcançar o seu objectivo. Para isso, ela seduz Cetego, que ocupava então papel de relevo no governo da cidade. Como na Cilícia nada se fazia sem que ele fosse ouvido e ele, sem ouvir a amante controlada por Luculo, não tardou que o romano fosse sugerido para o cargo de governador da região.

Quanto a Bruto (*Brut.* 32.2-3), serve-se das esposas dos habitantes de Patara para tomar a cidade sem recorrer à força: basta-lhe fazê-las prisioneiras e devolvê-las, em seguida, aos maridos, sãs e salvas, sem exigir qualquer tipo de resgate. Felizes por regressarem a casa sem terem sido vítimas da violência própria nestes contextos, as mulheres persuadem os cônjuges a entregar a cidade àquele que consideravam o mais justo e moderado dos homens. Mais uma vez, apesar de não poderem, por falta de autoridade, tomar elas próprias a decisão de entregar a cidade, conseguem interferir nas opções políticas dos maridos.

Outros há que, não obedecendo propriamente às mulheres, tomam algumas precauções para não as melindrarem ou indisparem. É disso exemplo o comportamento de Nero (*Galba* 19. 3), que, apaixonado por Pompeia (que, tal como ele, ainda estava casada), faz de Otão intermediário no estabelecimento da relação. É provável que estes cuidados na aproximação que faz ao novo objecto do seu desejo sejam mais consequência do receio da própria mãe do que da consideração que a esposa Octávia lhe merecia...

As esposas, mesmo fora de Esparta, podem ser confidentes e companheiras audazes e corajosas dos seus homens. É o caso de Pórcia, que, segundo Plutarco, era uma mulher profundamente sábia. Ao ver a angústia do marido, coloca-o à vontade para se abrir com ela e partilhar os problemas, não por querer satisfazer a curiosidade típica de uma mulher, mas antes por considerar que é dever e direito de uma esposa preocupar-se com o marido⁴³ e partilhar das suas alegrias e sofrimentos (*Brut.* 13.2-11). Pórcia é, por isso, a única merecedora da confiança de

⁴³ Outros exemplos de preocupação com os maridos: *Cleom.* 29.3.1; *Pomp.* 53.2, 74, 78.7; *Cat.Mi.* 9.1; *Pel.* 20.2

Bruto, a única a saber dos seus intentos quando parte armado para o fórum por ocasião do assassinato de César (*Brut.* 14.4)⁴⁴. Claro que o facto de ser digna da confiança do marido, sobretudo tendo em conta a situação de grande perigo em que ele estava envolvido, não a impede de temer pela sua sorte: chega mesmo a desfalecer por causa da ansiedade, o que dá azo a que Bruto receba a falsa notícia da sua morte (*Brut.* 15.5-9). Esta preocupação de Pórcia é, de resto, perfeitamente aceitável e até comum, em particular no caso de mulheres cujos cônjuges têm profissões de risco.

Contudo, este tipo de inquietação com o bem-estar dos maridos nem sempre tem um desfecho tão feliz como neste caso, que, como já foi dito, permitiu ao Queroneu louvar o comportamento de Bruto, próprio de um verdadeiro estadista (ver supra). É o caso de Júlia, filha de César, a quem a preocupação suscitada pela visão da túnica ensanguentada do marido valeu um aborto (*Pomp.* 53.4). É o caso de Calpúrnia (*Caes.* 63.8-11) que, movida por uma visão em sonhos da morte de César, tentou, sem grande êxito, impedi-lo de sair para o fórum. Este episódio merece uma atenção especial neste contexto da análise da influência das esposas sobre os cônjuges e suas consequências. Por um lado, porque revela uma certa capacidade argumentativa de Calpúrnia que, ao se aperceber de que o marido se preparava para desvalorizar a mensagem onírica que recebera, sugere a consulta de outros meios divinatórios que corroborem o que diz e consegue convencê-lo. Por outro, porque, como César tivesse recebido presságios desfavoráveis e tivesse decidido acatar o conselho sábio e prudente da consorte, acabou ridicularizado e criticado por ouvir a mulher (*Caes.* 64.4). Ainda que a crítica tenha vindo da parte de um falso amigo envolvido na conjura, cujo objectivo era convencer César a sair de casa, fica evidente que o deixar-se influenciar pelas opiniões de uma mulher era motivo de chacota. Se se comparar este episódio com o de Metela (onde o próprio povo exige a sua presença por acreditar que o seu ascendente sobre Sila pode favorecê-lo), parece que, como em vários outros contextos da vida humana, a influência das mulheres sobre os homens é alvo de apreciação diferente consoante interesse ou não àqueles que a valoram. Se lhes for útil é louvável, se não, condenável e sinal de fraqueza.

Aduzidos que estão diferentes exemplos de episódios da vida doméstica de grandes estadistas atenienses, espartanos e romanos na sua relação com as

⁴⁴ Em *Marc.* 20, Plutarco recorda um episódio que também evidencia esta situação. Um influente político cartaginês, chamado Nícias, descobre que alguns dos seus inimigos conjuravam a sua prisão e vê-se obrigado a escapar. Por isso, durante um discurso, finge ser atormentado por divindades conhecidas por Mães e, simulando a consequente loucura, foge nu da cidade. Ninguém ousa detê-lo, com medo que se tratasse de uma vingança divina. A esposa entra no esquema para se salvar a ela própria e aos filhos: dirige-se ao templo das Mães, suplica pelo marido e parte à sua procura com as crianças, sem levantar quaisquer suspeitas. Por este exemplo se confirma, mais uma vez, que há esposas capazes de acompanhar cumplicemente os maridos nas mais diversas situações, mesmo naquelas que implicam grande perigo e coragem.

consortes, parece resultar evidente que, como em diversos aspectos da vida humana, nada é totalmente linear. Não obstante a existência de preceitos de convivência no seio do casal, que Plutarco sistematiza nos *Praecepta Coniugalia* (e que decerto em grande parte, além de fruto da sua experiência pessoal e de algum estudo de filosofia, mais não são do que a memória do senso comum que atravessou gerações), o fluir da relação entre um homem e uma mulher nem sempre decorre pautado pela sua observância.

Como não poderia deixar de ser, o envolvimento do casal é inevitavelmente condicionado pela natureza de cada indivíduo e pela sua formação, que, não raras vezes – como de resto era crença de Plutarco – tem o poder de aprimorar o carácter de cada um. Aqueles sobre os quais a *paideia* conseguiu exercer a sua missão sabem moderar o seu comportamento sem se deixarem manietar em demasia pelos devaneios que o amor pode originar. No entanto, mesmo esses podem ser acusados de não agir em conformidade com os princípios que devem nortear a conduta de um estadista de excelência. É por saber que mesmo os cumpridores podem ser atacados pelos adversários que o Queroneu tenta alertar os menos cuidadosos, criticando os homens que deixam de cumprir as suas missões por se envolverem com mulheres pouco recomendáveis ou por se deixarem envolver além da conta. Essa crítica faz sobressair a virtude daqueles que resistem às influências nefastas que o envolvimento amoroso pode exercer sobre a conduta política dos mais condicionáveis.

Plutarco louva o ascendente que as mulheres bem formadas e bem intencionadas têm sobre os seus maridos, pois é sua missão contribuir para a felicidade e realização pessoal deles e assim, indirectamente, zelar pelo bem-estar da comunidade. O cumprimento dessa missão pode passar por ajudá-los a avaliar melhor as situações. Por isso, ouvir a opinião de uma mulher sábia e prudente é também um acto de inteligência masculina, que os mal intencionados (ou seja, os adversários políticos) podem utilizar para denegrir a imagem de um homem de excepção.

Este breve estudo confirma, assim, mais uma vez que, apesar de, na antiguidade, a imagem da mulher não ser, no geral, a mais positiva, havia o reconhecimento tácito (e às vezes mesmo explícito) da sua ascendência sobre os homens da família e, conseqüentemente, sobre os destinos dos governos das cidades.

BIBLIOGRAFIA

- Dias, P. B., «Entre o casamento e a comunidade: imagens, modelos e funções do afecto conjugal», in J. Nieto Ibáñez & R. López López (eds.), *El Amor en Plutarco*, León, Universidad de León, 2007, pp. 545-556.
- Duby, G. & Perrot, M., *História das mulheres no Ocidente*, Porto, Edições Afrontamento, 1993.
- Ferreira, A., *O homem de Estado ateniense na perspectiva de Plutarco: o caso dos Alcmeónidas*, Coimbra, Classica Digitalia, 2012.
- Fialho, M. C., Dias, P. B. & Silva, C. C., *A coragem das mulheres. Plutarco*, Coimbra, Edições Minerva, 2001.
- Fialho, M. C. & Leão, D. F., *Vidas de Teseu e Rómulo. Plutarco*, Coimbra, Classica Digitalia, 2008.
- Henry, M., *Prisoner of history. Aspasia of Miletus and her biographical tradition*, Oxford, 1995.
- Le Corsu, F., *Plutarque et les femmes dans les Vies Parallèles*, Paris, Les Belles Lettres, 1981.
- Lobo, A. S. (s/d), *Vida de Licurgo. Plutarco* (versão electrónica). Ed. das Américas. Disponível em http://www.consciencia.org/plutarco_licurgo.shtml [acedido a 25/06/2013].
- Pelling, C., «Plutarch's Adaptation of his Source-Material», *JHS* 100 (1980) 127-140.
- Pomeroy, S. B., *Diosas, rameras, esposas y esclavas. Mujeres en la Antigüedad clásica*, Madrid, Ediciones Akal, 1999³ [trad. cast. do original *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*, New York, 1975].
- Rocha Pereira, M. H., *A República. Platão*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 20019.
- Silva, M. A., «Plutarco e a participação feminina em Esparta», *Saeculum – Revista de História* 12 (2005) 11-21.
- Solazzi, S., *Scritti di diritto Romano*, t. 3. Napoli, 1960.
- Várzeas, M., *Vidas de Cícero e Demóstenes. Plutarco*, Coimbra, Classica Digitalia, 2010.
- Van Ooteghem, J., *Lucius Licinius Lucullus*, Bruxelles, Palais des Académies, 1959.